



Editorial

É com grande satisfação que apresentamos o número 11 da *Revista ARA FAUUSP*. Mais uma edição, agora envolta em múltiplos significados devido às circunstâncias insólitas que todos enfrentamos. O fundamento desta empreitada - realizar uma revista acadêmica voltada à cultura artística - é capturar as sensibilidades possíveis que assomam na realidade presente. Assim, o insólito nos encalça duplamente: a produção prática da edição, submetida às dificuldades das ausências; e o espírito do tempo ... este que parece ter dado um piparote em nossas consciências já bastante aturdidas. A finalização de mais um número da *Revista ARA FAUUSP* resume a tática de manter posições, cuidar do imediato -

fortalecendo-o - aguardando novas pistas da conjuntura. E assim, ir "caminhando em direção ao caminho inverso", como sugere a chamada para este número, inspirada em Clarice Lispector.

A provocação sugerida para esta edição, sintetizada nesse paradoxo, é enfrentar o fluxo que nos arrasta a um lugar indesejado. Na medida em que o desejo moderno sucumbiu a projetos aterrorizantes, talvez devamos fazer um recuo crítico em relação ao automatismo da linguagem e dos significados envolvidos em nossas experiências de alteridade. Pelo menos, é isso que parece sugerir uma fotografia do presente que apresentaremos a seguir. Uma primeira suspeita seria a investigação do estatuto, ou condição, da "natureza". Um significado moderno produzido pela unificação arte-técnica que supôs habilitar o seu controle integral. Nada nos aterroriza mais hoje que essa pretensa objetificação do mundo natural, do qual crêamos estar estar afastados em lugar seguro - um desvario.

A escultura "A mulher nua", analisada em um dos artigos, chocou parte influente da sociedade curitibana nos anos 1950 que, apesar do esforço em modernizar a cidade - em sintonia com os anos dourados brasileiros - não se sentiu confortável com a ingênua nudez da "justiça" desvendada. A errância da escultura pela cidade anunciava os descaminhos da opção conservadora que exigia apenas parcialmente - funcionalmente - o avanço dos espíritos ainda envoltos pelas sombras éticas do passado colonial. É sobre o corpo nu feminino, que buscava um futuro despojado de progresso e liberdade, que recai a violência atualizada do ultraconservadorismo associado então ao impulso modernizador. Ao olhar objetificador da natureza externa se reuniu o olhar disciplinador dos corpos - a natureza interna -, mesmo que seja o corpo universal da mulher-justiça. A luta *cultural* de hoje - posto que a ideia de uma cidadania ampla está momentaneamente suspensa - tem nessa disputa simbólica um palco para o grande enfrentamento. As sombras do passado não apenas permanecem hoje, como têm munição renovada e desinibida no acirramento social e político que a cidade de Curitiba tão bem representa.

Um grande indicador das mudanças em relação à percepção artística da natureza é o campo crítico aberto pela *Ecological art*, discutida pelo artigo "Ecossemântica do mundo da arte". À clareza dos pressupostos de objetividade que sustentaram as artes construtivas no século 20, e que mimetizavam o mundo do artifício, reagimos esteticamente segundo o embaralhamento contemporâneo entre sujeito e objeto, humanidade e natureza. Essa condição está sendo radicalizada pela consciência da emergência ecológica que vem a alterar esse significado - natureza - até recentemente apaziguado. Imperativos éticos deste momento crítico devem transformar a milenar relação arte-mundo; cabe indagar, nessa perspectiva, a permanência daquilo que se instituiu em torno de uma noção tão ampla quanto problemática: a própria arte e sua autonomia.

O insólito do momento pandêmico teve também um registro sensível no ensaio fotográfico "Gaiola 22". O enclausuramento se inverteu: a artista confinada observa pela janela os pássaros da cidade, livres, agudizando o contraste em relação ao confinamento. Inverte-se a compreensão de liberdade, outrora atribuída à ação humana em contraposição à inevitabilidade do que se entendia como mundo natural. O que é então a liberdade? O confinamento imposto abala tragicamente a onipotência humana, pois revela o que sempre esteve disponível para nossa fruição e prazer, esses pássaros urbanos que distraidamente ignoramos.

Completa esta edição o dossiê GPM - Grupo Museu/Patrimônio - que teve curadoria da professora Maria Cecília França Lourenço, sua editora-chefe. Os trabalhos apresentados enfeixam os temas propostos pela chamada da Revista com perspectivas conceituais em desenvolvimento pelo grupo em seus seminários e renovadas a cada tempo. Como já está claro neste percurso realizado pela *Revista ARA FAUUSP* desde o seu primeiro número, os temas propostos pretendem ampliar as perspectivas de análise, englobando diferentes formas de expressão, ao invés de circunscrevê-las em uma temática fechada. O "paradoxo" de Clarice pode e deve ser enfrentado de diferentes maneiras, e o dossiê com sucesso apresenta um painel intrigante de possibilidades, guiados pela liberdade crítica que é, afinal, o nosso propósito.

A leitura e a arte têm nos salvado. Essa é uma das novidades de nossa condição cada dia mais excepcional. Algo aí existe - e resiste - que persevera num sentido humano, muitas vezes desacreditado. Pode ser, isso também, mais uma ilusão. Mas não sabemos, mesmo porque, está em movimento, em disputa. Tentemos apreender o seu ritmo. Boa leitura a todos!